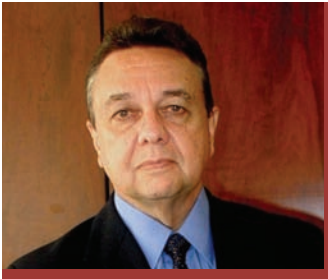


Diário de bordo

De novo os OGMs



Roberto Rodrigues*

OS NÚMEROS publicados por Clive James, em seu estudo Situação Global das Lavouras GMs comercializadas: 2007 são impressionantes.

Segundo o trabalho, em 2007 cerca de 23 países cultivaram 114,3 milhões de hectares com sementes GMs. Desses, 12 são emergentes, com 49,4 milhões de hectares (Argentina, Brasil, Índia e China, entre eles) e 11 são industrializados, com 64,9 milhões de hectares. Os Estados Unidos são, de longe, o maior produtor de transgênicos, com 57,7 milhões de hectares, sendo que 63% de todo o milho que produziram é GM, e 78% do algodão.

Depois, vem a Argentina, com 19,1 milhões de hectares, e o Brasil, com 15 milhões.

A grande curiosidade está na informação de que 90% dos 12 milhões de agricultores que cultivaram transgênicos em 2007 são pequenos e com recursos escassos, especialmente na China e Índia. Os 11 milhões de pequenos produtores tiveram menores custos de produção e, portanto, maiores chances de continuar na atividade.

Segundo a publicação, desde o início do cultivo de OGMs, em 1996, até 2006, a emissão de gases de efeito estufa foi reduzida, amenizando o aquecimento global. Só em 2006, a redução teria sido de 1,2 bilhões de quilos de CO₂ emitidos (pelo menor uso de combustíveis fósseis).

De acordo com uma consultoria especializada, a Céleres, os resultados estimados para o Brasil em termos de vantagens ambientais serão notáveis. Até 2016/2017, o Brasil terá acumulado um plantio de 274 milhões de hectares de soja RR e 16,6 milhões de hectares de algodão Bollgard.

Só no caso da soja, a economia de água será de 42,7 bilhões de litros, o suficiente para abastecer uma cidade de 100.000 habitantes durante o período.

Serão consumidos menos 305 milhões de litros de diesel, que dariam para abastecer uma frota de 127,1 mil veículos em 10 anos.

As emissões de CO₂ no período cairão 918,71 milhões de toneladas, o equivalente ao plantio de 6,8 milhões de árvores que neutralizariam tal volume no mesmo tempo.

Mas o mais importante é a redução de 35,6 mil toneladas de ingredientes ativos de agrotóxicos, pela vigorosa diminuição da sua demanda pelas plantas transgênicas.

Tais informações mostram que os OGMs são mais baratos e menos agressivos ao meio-ambiente, o que permite estimar que, em 2015, serão 200 milhões de hectares cultivados por milhões de produtores em 40 países. ■

* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal

Produzir

Infra-estrutura é um imposto



Cesário Ramalho da Silva*

PASSADO O primeiro trimestre, já é possível tecermos uma análise mais apurada do que 2008 reserva para o agronegócio. O cenário se mostra positivo, com aplicação de investimento e crescimento. O produtor rural está motivado. As margens de comercialização estão boas para os principais produtos, com destaque para a soja. De outro lado, a cana-de-açúcar e o café estão em um momento não tão favorável.

O produtor deve aproveitar o momento para gerar receita e obter renda. Tudo com muita cautela e um planejamento criterioso do negócio. É hora de aprender a trabalhar com sobra de caixa.

Deveremos ter recorde na safra de grãos, com colheita próxima a 139 milhões de toneladas, de acordo com o IBGE. Diversos fatores contribuem para esse desempenho: o clima favorável, novas variedades de cultivares, e investimentos em tecnologia, que culminaram em incrementos de produtividade. Mas, os resultados poderiam ser melhores. Apenas recuperamos percentuais de produção perdidos em ciclos anteriores, de duas a três temporadas atrás.

Vivemos um período de retomada. O produtor, por exemplo, não usufruiu de forma significativa do aumento dos preços das *commodities*. Cerca de 60% da safra que estão sendo colhidos já havia sido vendida no ano passado, antes dos picos das cotações.

Opinião

Sustentabilidade é nossa pauta

As exportações devem continuar a crescer em razão do aumento da demanda. Tudo indica expansão do consumo de alimentos, fibras e agroenergia. Nos próximos anos, o Brasil deverá ampliar sua participação no mercado internacional. Ao volume hoje exportado serão acrescentados mais 47 milhões de toneladas de produtos agrícolas. Isso corresponderá a mais US\$ 23,5 bilhões de receita.

Porém, para chegarmos a esses números, precisaremos superar alguns desafios, dos quais a infra-estrutura e a logística se apresentam como os mais urgentes. Os problemas de transporte e armazenagem no agronegócio são tão grandes que já se configuram na prática como um novo imposto para o produtor rural.

Os aumentos dos fretes devido às péssimas condições das estradas, e a falta de investimentos em ferrovias, hidrovias e portos estouram no bolso do produtor, que acaba não tendo condições de repassar o aumento de custos. No caso dos portos, tem navio que demora a atracar, fica parado por falta de infra-estrutura, o que acaba gerando um prejuízo, em alguns casos, de até US\$ 100 por dia. Quem paga a conta? O produtor. É um problema fora do agronegócio que deruba a competitividade do setor. O governo precisa agir. As PPPs até hoje engatinham no País.

Outro grande vilão é o endividamento. O produtor deve saldar seus débitos, segundo o percentual da renda que obteve. O caminho é massificar o seguro rural, mais barato e eficaz que renegociar dívidas.

Como recado final, destaco que, como grande player do mercado mundial do agronegócio, o Brasil será cada vez mais cobrado em relação à conformidade, qualidade e responsabilidade de processos e produtos. O futuro passa pela certificação e pela auditoria, de preferência externa, de tudo que é feito. ■



João Sampaio*

A SUSTENTABILIDADE ambiental na produção agrícola virou mantra recitado pela sociedade e presente nas exigências dos mercados compradores internacionais. O Brasil como potência agrícola, considerada mais do que emergente, está na foco das lentes dos consumidores mundiais. De olho nas vendas externas, a sustentabilidade ambiental se torna presente na pauta e nas mesas de negociações do setor produtivo. Mas, a sustentabilidade vai além do meio ambiente, pois as suas vertentes econômica e social são tão importantes quanto, principalmente porque tratam diretamente do bem-estar do homem. As cooperativas, precursoras de pensamentos e ações de inovação, já trabalham nessa direção dentro do que se convencionou chamar de crédito solidário, e sua abrangência foi ampliada para o chamado cooperativismo solidário.

A denominação solidária associada ao cooperativismo é recente no Brasil, data do início dos anos 90, quando cooperativas, até então diferenciadas, começaram a atuar no oferecimento de crédito, especialmente no meio rural. Elas focavam a ativa participação dos associados agricultores na gestão dessas organizações, e lutavam pela democratização das linhas oficiais de financiamento. Marcadamente, ao longo dessa mesma década, tivemos as cooperativas de:

- Crédito de integração, solidária ao Sistema Cresol, nascidas no sudoeste do Paraná;
- Cooperativas ligadas à Associação das Cooperativas de Apoio à Economia Familiar (Ascoob), fundadas no interior baiano.

Dentro dos diversos modos de atuação no setor – diferentemente dos sistemas tradicionais, que apostavam tão somente na verticalização, concentração e bancarização de suas ações –, as cooperativas de crédito solidárias se preocupam com que a dimensão econômica de seu trabalho não suplante seus objetivos sociais.

Daí em diante, algumas cooperativas perceberam que a sua atuação ultrapassava o limiar da atividade econômica e, muitas delas, hoje extrapolam o âmbito da agroindustrialização e comercialização para intervir na comunidade como um todo. Exemplos: Hospital dos Fornecedores de Cana, da Coplacana (Cooperativa dos Plantadores de Cana), em Piracicaba, que há 40 anos é referência em saúde pública, atendendo aos associados e à população em geral. Outro é o Hospital da Canaoste, em Sertãozinho.

Na área educacional, as iniciativas surgem como, por exemplo, o projeto educacional para as escolas estaduais desenvolvido pela Abag-RP (Associação Brasileira de Agribusiness em Ribeirão Preto). A Coopercitrus, com unidades presentes em toda a região nordeste do estado de São Paulo, apóia cursos de MBA em parceria com universidades públicas para os seus associados, assim como viabiliza estágios no exterior, apostando na capacitação profissional.

O agronegócio, responsável por 40% dos empregos gerados e 25% das exportações totais do País, necessita fazer a triangulação equilibrada entre a sustentabilidade econômica, ambiental e social, e as cooperativas exercem cada vez mais um papel preponderante na harmonização do setor produtivo com a comunidade. ■

- Crédito Rural, as Credis, alternativas criadas em Santa Catarina;

* Produtor rural e Secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo

* Presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB)